



## #DireitosHumanos

### Os direitos humanos, a juventude e a luta contra o racismo

Originalmente publicado no [Medium](#), em 16 de março de 2018

Autoria de Instituto PACS

*por Marielle Franco ( In memoriam)*

#### *Breve explicação*

*Tivemos a alegria de contar com a presença de Marielle no nosso Encontro de 30 anos. Ela nos falou sobre o diálogo com a juventude e os enfrentamentos ao racismo.*

*A notícia da execução da vereadora Marielle Franco na noite do dia 14 de março de 2018, no Rio, nos pegou a todas e todos em sentimento de choque e pesar. O Instituto Pacs se solidariza com familiares, amigos, amigas, moradores e moradoras de favelas que encontravam na voz de Marielle a luta em defesa dos direitos humanos, um eco na busca por um mundo mais justo, solidário, menos violento. Não vão nos calar. As circunstâncias do crime precisam de investigação urgente.*

*Para manter viva a força de Marielle, de sua voz de luta no mundo, relembramos aqui a sua fala durante nosso encontro de 30 anos, que também pode ser lida nesta publicação do Instituto Pacs. Marielle, presente!*

Temos o desafio de repensar as categorias de esquerda e a forma como ela dialoga com a juventude. O que é falar sobre classe trabalhadora, consciência de classe para a juventude? Como fazer o diálogo sobre o “lugar de fala” (o homem não pode falar pela mulher, a mulher branca não pode falar pela mulher negra), o que nos une e o que nos separa? Que lugar é esse dos diálogos cada vez mais inviabilizados? Ou de que maneira somos invisibilizados a partir desse não diálogo?

Sem hierarquizar a dor, não é essa a perspectiva, é preciso não esquecer o processo de Costa Barros que não anda, as mães que tentaram suicídio, não esquecer a dor das mães que precisam diariamente enterrar seus filhos jovens negros, não esquecer os cinco jovens assassinados em São Paulo. Não se trata de hierarquizar a luta, sobre que problemas são mais importantes que outros, mas sim de dar visibilidade aos oprimidos.

Eu tenho olhado muito para as identidades, do lugar que nos constrói, da nossa biografia e do lugar onde a gente lê o mundo. Ser negro não é só cor da pele, ser negro implica traços históricos de colonização, de escravidão, de genocídio.

Sempre que se fala que a favela vive uma ditadura, eu acho questionável. A favela vive um genocídio. Precisamos fazer um processo de descolonização, para entendermos este lugar que nos compõe. Quem é revistado pela polícia hoje? Quem são os elementos suspeitos? São os pobres, pretos, favelados. Então, repensar uma nova sociedade passar obrigatoriamente por repensar nosso lugar de ver o mundo.

O recrudescimento do conservadorismo também traz um debate moral muito forte. É preciso fazer autocríticas. Sobre o trabalho de base, onde a

gente aprofunda? Queiramos ou não, concordemos ou não, a Igreja Universal também construiu trabalho de base e criou consensos da utopia. É importante conhecer o nosso lugar de trabalho de base e, para tal, compreender a conjuntura política é fundamental.

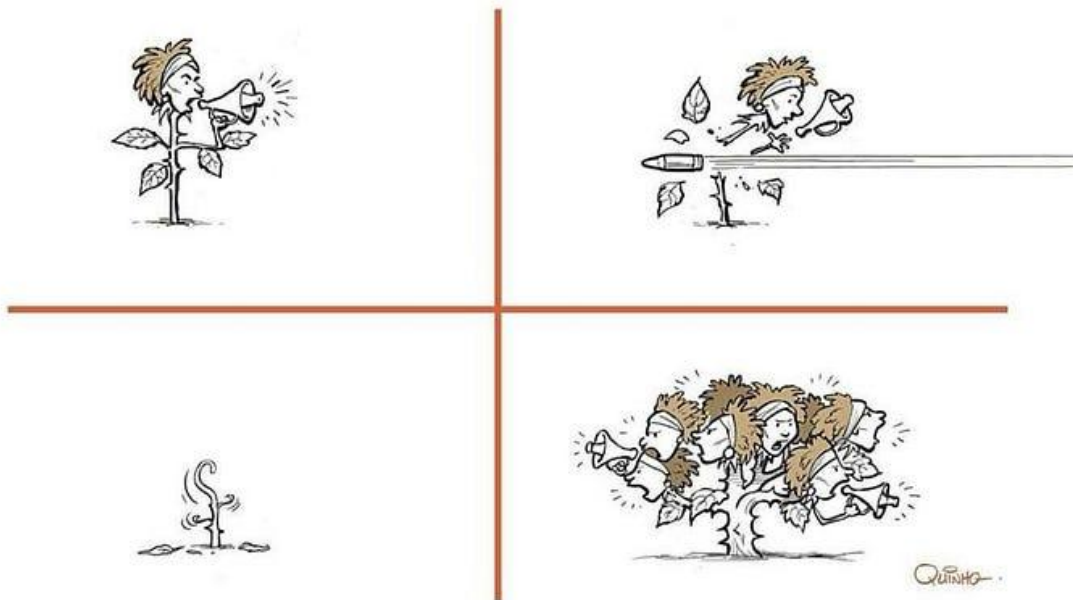
**“É preciso não esquecer a dor das mães que precisam diariamente enterrar seus filhos jovens negros. Não se trata de que problemas são mais importantes que outros, mas sim de dar visibilidade aos oprimidos”.**

Tanta coisa a gente já viveu, já foi construída. A gente precisa afunilar esse diálogo entre os mais velhos e a juventude para que a memória e o futuro nos fortaleçam.

Nesse sentido, me parece falta de senso fazer propaganda — ainda que negativa — dos inimigos, dos conservadores. Que disputa de narrativa faremos? A quem vamos dar espaço? Não se trata de fingir que eles não existem, mas de não os legitimar. Isso é disputa de narrativa. Política não é Fla x Flu, não é disputa de torcida organizada. Precisamos ampliar o diálogo no campo democrático, é com isso que temos que gastar energia.

Para chegar na Zona Oeste, para debater transporte e as diversas formas de organização da família, etc. é preciso olhar para a base da pirâmide. Ao fazer isso, veremos que as mulheres negras são as que menos recebem e as que são mais violentadas. O processo de emancipação das mulheres negras passa pela autoafirmação, pela (re) construção da identidade. Não é qualquer representatividade que importa, junto a isso está o debate de classe. É isso que vai pautar nosso campo de disputa.

É preciso reconhecer e priorizar as organizações comunitárias como espaço de autogestão e de resistência. As pautas de direitos humanos, gênero e raça são debates que não ganham atenção no debate público, mas precisamos disputá-los. É preciso disputar esse imaginário dos jovens negros que estão morrendo, das mulheres negras que são vítimas e de o quanto, a cada momento, acontece uma chacina na favela. Isso compõe a luta do trabalho de base, da autogestão e da luta internacional. É essa junção que temos que pensar no próximo período. “Eu sou porque nós somos”. Ubuntu.



Arte de Quinho